Sul-Americano de 1937. A Construção dos Argentinos como "outros" nos Jornais Cariocas[1]

Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO[2]
Ronaldo George HELAL[3]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente artigo analisou três jornais cariocas durante o período de realização do Sul-Americano de 1937, disputado na Argentina. Segundo os jornais, na decisão contra a Argentina uma série de conflitos e confusões dentro de campo serviu como explicação para a derrota brasileira nos jornais. Com base na criação de identidades no cenário esportivo, investigou-se a origem da rivalidade entre brasileiros e argentinos no futebol e quais os recursos empregados pela mídia para estabelecer a fronteira "nós" x "eles", colocando o país vizinho como o nosso "outro".

PALAVRAS-CHAVE: futebol; identidade; rivalidade Brasil-Argentina; jornalismo esportivo.

Introdução

A rivalidade Brasil-Argentina no campo esportivo é notória. Basta existir uma competição envolvendo os dois países para que se estabeleça esta rivalidade e os coloquem como "inimigos" pela imprensa nacional.

Durante a realização do Sul-Americano de 1937, na Argentina, os jornais analisados neste artigo plantaram a semente de criação dos argentinos como nossos "inimigos fraternos" na esfera esportiva. Sem enfrentar uma seleção nacional desde a Copa de 1934, o Brasil realizou uma campanha considerada boa pela imprensa, chegando invicto à decisão contra os anfitriões, mas uma série de descrições pelos jornais de um jogo que teria sido extremamente violento, com a intervenção policial e invasão de campo pelos torcedores, acendeu no povo brasileiro um sentimento patriótico que alçaria os argentinos à posição de nosso principal adversário nos campos.

---

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando em Comunicação e Cultura pela UERJ, e-mail: filipemostaro@hotmail.com.

[3] Professor da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa "Esporte e Cultura" cadastrado no CNPq (www.comunicacaoeesporte.com) UERJ, e-mail: rhelal@globo.com

Nosso objetivo é analisar como essa ideia de "inimigo" e estabelecimento da fronteira entre "nós" e "eles" foi realizada pelos jornais *Diário Carioca*, *A Noite* e *Jornal do Brasil*. Após este torneio, o estereótipo argentino começou a ser definido nos jornais, culminando na visão que observamos hoje, principalmente nas campanhas publicitárias.

A criação de identidades no cenário esportivo

A primeira competição relevante vencida pela seleção brasileira de futebol foi o Sul-Americano de 1919, disputado no Brasil. Durante os anos que sucederam esta conquista, este esporte percorreu o caminho de sair do elitismo e ganhar a popularidade. Foi nesse período que as discussões sobre o amadorismo e profissionalismo impregnaram as colunas esportivas dos jornais brasileiros. Porém, apontamos que durante os anos 1930, o debate ganhou mais força na sociedade, demonstrando a popularidade do esporte. O futebol passou a ser usado para criar uma nova "nação", por atrair grande público, e, desta forma, sair do amadorismo e se tornar profissional e acima disso, uma instituição nacional.

A nação não seria apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural. As pessoas participam da ideia de nação de forma que a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. Neste contexto, o período Varguista do Estado Novo foi um momento em que se pregava uma nova visão do povo brasileiro. Nesse panorama, as discussões propostas por Freyre a partir da publicação de *Casa- Grande e senzala* em 1933, ajudou a se estabelecer um novo horizonte nas formas de se pensar o Brasil, que se coadunavam com os ideais de Vargas.

> Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada ás condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil anti-racista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (SOUZA: 2008, 187)

Percebe-se que estabelecer a fronteira entre "nós" e "eles" foi fundamental na formação dos estados nacionais latino-americanos. Dessa forma, o futebol seria um terreno fértil para a produção de significados, símbolos e representações do que é "ser brasileiro".

Durante as duas primeiras participações do Brasil em Copas, a convocação das equipes não ajudou na formação de um time "representante nacional". Problemas nos bastidores impediram, nas duas competições, o Brasil de levar seu melhor time. Em 1930,

foi a briga entre CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), que teve como principal desdobramento a não ida dos atletas paulistas à competição. Já na Copa do Mundo de 1934, a grande questão era o profissionalismo. De um lado a CBD que não o queria, e o Botafogo e São Paulo, que acabaram sendo a base do time. Do outro, quase todos os grandes times do país na recente fundada FBF (Federação Brasileira de Futebol), que tinha adotado o profissionalismo. Mesmo com o reforço de alguns jogadores "profissionais"como Leônidas da Silva, o Brasil chegou às vésperas da estreia e perdeu para a Espanha por 3 a 1 e foi eliminado. Depois disso, seguiu para alguns amistosos pela Europa, arranjados para pagar o custeio da viagem de duas semanas de navio. Durante esta viagem, o Brasil sofreu sua maior derrota até hoje: 8 a 4 para a Iugoslávia em Belgrado no dia 3 de junho de 1934. Depois desta partida o Brasil só voltou a enfrentar outra seleção nacional no Sul-Americano de 1937.

O torneio, disputado na Argentina foi o primeiro campeonato de expressão e repercussão nos meios de comunicação que o Brasil disputou depois da Copa do Mundo de 1934. Assim, foi a primeira competição (já com as ideias de construção de identidade através do futebol e o profissionalismo consolidado) onde se tentou demarcar a fronteira "nós" e "eles" por meio do futebol, principalmente no âmbito Sul-Americano. Marcos Guterman (2007) afirma que houve uma explosão de patriotismo após este torneio, que chegou a preocupar o próprio Vargas. Guterman também coloca que antes do Sul-Americano de 1937 "faltava a centelha para que o futebol passasse a produzir também sentimentos nacionais. O jogo contra a Argentina no Sul-Americano de 1937 foi essa ignição". (GUTERMAN, 2007, p.77)

Notemos que a construção simbólica do futebol foi semelhante no Brasil e na Argentina. Helal e Lovisolo (2007) colocam que:

> Ambos "construíram" para si uma imagem de "estilo de jogo" baseada no drible, improvisação e espontaneidade, tendo como oposição a rigidez de esquemas táticos que seriam típicos do futebol europeu, especialmente o inglês, o grande adversário do futebol *criollo* dos argentinos. (HELAL E LOVISOLO, 2007)

Entretanto os autores ressaltam que a "ideia de "nação brasileira" foi "construída" em grande parte por meio do futebol enquanto que na argentina o "nacional" já existia antes do futebol, principalmente por meio das escolas públicas." (HELAL E LOVISOLO, 2007)

Concordamos com Gastaldo (2003) quando este diz que: "o discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade."

Concordamos, também, com Cabo e Helal (2011, p.95) e entendemos que é importante "refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão".

Portanto, vamos analisar como foi a cobertura jornalística sobre o futebol brasileiro nos jornais *A Noite*, *Diário da Noite* e *Jornal do Brasil* durante os dias que antecederam as duas partidas finais contra os donos da casa, os argentinos, e a repercussão depois da derrota brasileira. Para melhor entendimento de todo o processo, iniciamos a análise dos jornais supracitados em 19 de janeiro de 1937 e terminamos no dia 6 de fevereiro de 1937.

O Sul-Americano de 1937

Argentina, Peru, Uruguai, Paraguai, Chile e Brasil participaram da 14° edição do torneio. O Brasil estreou no dia 27 de dezembro de 1936 e venceu o Peru por 3 a 2. No dia 3 de janeiro de 1937, nossa seleção venceu o Chile por 6 a 4. Dez dias depois, o time comandado por Adhemar Pimenta goleou os paraguaios por 5 a 0. Faltava vencer os dois times considerados pela imprensa local e internacional como os melhores do continente: Uruguai e Argentina. O jogo contra o Uruguai foi realizado no dia 19 de janeiro, data do início de nossa análise nos periódicos. Todos os jogos foram realizados no Estádio do San Lorenzo de Almagro, em Buenos Aires.

O *Diário da Noite* trouxe ampla divulgação do jogo contra o Uruguai, com uma página inteira dedicada à competição. O título da reportagem principal convoca os brasileiros a torcer para a seleção: "Todos os bons brasileiros anseiam pela nossa Victoria sobre os uruguayos." (DIÁRIO DA NOITE, 19/01/37, p.6).

O Brasil venceu o Uruguai por 3 a 2 e garantiu no mínimo o título de vice-campeão. O *Diário da Noite* tratou o jogo com um "combate sensacional" e trouxe as notícias sobre o futebol brasileiro nos jornais argentinos.

> Nenhum índice é mais expressivo para refletir uma notoriedade, seja Ella sobre o bem ou sobre o mal, de um acontecimento ou sobre uma pessoa, do que o jornal. Por elle se poderá julgar do valor daquillo que dá motivo o seu registro. (...) Todos os jornais e revistas sportivas da capital

> portenha vem repletos de noticiário sobre nosso patrícios, focalizando todos os aspectos de sua estadia. (...) Longos comentários, de todos os technicos locaes, apreciam a classe e a techica de nossos representantes e nenhum mais guarda a duvida de que são elles os mais fortes adversários que participara do torneio. (DIÁRIO DA NOITE, 20/01/37, p.15).

Destacamos nestas reportagens o aumento da expectativa do sucesso do Brasil no torneio, inclusive com a utilização das vozes argentinas, sobre o nosso futebol, numa tentativa de legitimar nossa evolução, já que até os "outros" "reconhecem" nosso talento.

Também se percebe nas reportagens uma indicação para associar a seleção nacional à pátria: "O team está tendo a honra de representar o paiz, possue classe e age com extraordinária flamma patriótica coroando a patria de triumphos de rara significação, o que mercê de todos nós o respeito de nossa grande sympathia." (DIÁRIO DA NOITE, 20/01/37, p.8) Expressões como: honra, jubilo patriótico e representação nacional foram amplamente usadas nas reportagens do jornal após a vitória contra o Uruguai.

Constatamos a mesma euforia com o resultado no jornal *A Noite*, que estampou em sua manchete: Brasileiros 3 Uruguayos 2.

> A Victoria do Brasil, no match com o Uruguay enche de justo orgulho o Sport brasileiro. O quarto trimpho do scratch do nosso paiz, num dos mais empolgantes cotejos do XII Campeonato Sul-Americano entra para o rol dos maiores feitos dos footballers que envergaram, através o tempo, a camiseta do Brasil, nas contendas internacionaes." (A NOITE, 20/01/13, p.1)

O torneio foi disputado em turno único e quem conquistasse o maior número de pontos seria o campeão. O duelo entre Argentina e Uruguai podia favorecer o Brasil. Um empate ou vitória uruguaia deixava o Brasil muito perto do título. O jogo foi no dia 23 de janeiro e os uruguaios venceram por 3 a 2. O Brasil ficou com 8 pontos e jogava por um empate para ser o campeão. Já os argentinos teriam que vencer o jogo para forçar a partida de desempate.

Sabendo desta condição favorável à nossa seleção, na capa do dia 23 de janeiro, o *Diário da Noite*, anunciou que a Rádio Tupi (pertencente ao mesmo grupo de comunicação: Diários Associados) realizaria a transmissão ao vivo da partida, diretamente da Argentina. Nicolau Tuma, que tinha a alcunha de "speaker metralahadora"[4], faria a locução.

> A Radio Tupi e a Radio Difusora de São Paulo, sob o patrocínio dos "Diarios Associados", vão corresponder à ansiedade publica irradiando

[4] Nicolau Tuma ganhou esta alcunha ao conseguir pronunciar mais de 250 palavras por minuto. Ele também foi o responsável pela primeira transmissão radiofônica esportiva da história no Brasil, no jogo entre as seleções paulistas e paranaenses pela Rádio Sociedade Educadora Paulista no dia 19 de julho de 1931, segundo GUERRA (2012). Ressalta-se também, que esta transmissão esportiva de Brasil e Argentina em 1937 foi a primeira realizada fora do país.

> directamente do campo de S. Lourenço de Almagro, em Buenos Aires, a descrição detalhada de sensacional peleja.(...) Com um microphone installado no campo de S. Lourenço de Almagro, ligado directamente à Tupi e à Difusora por meio de telephone internacional, a irradiação que Nicoláo Tuma vae fazer será a reportagem perfeita e completa do jogo no instante mesmo em que elle se realizar. (DIÁRIO DA NOITE, 23/01/37, p.17).

Enquanto isso, o jornal *A Noite*, afirmou que no dia 26 de janeiro desembarcaram cerca de 200 torcedores brasileiros em Buenos Aires, para acompanhar a decisão.

No dia do jogo, o *Diário da Noite*, informava que tinha instalado alto-falantes no coreto de Madureira, no coreto do Jardim do Meyer e em vários pontos do centro da cidade, tudo "para que se torne mais fácil à população acompanhar as phases do empolgante encontro". (DIÁRIO DA NOITE, 30/01/37, p.1)

O clima da decisão estava sendo criado pelos jornais. As manchetes foram: "Os brasileiros estão plenamente confiantes" (DIÁRIO DA NOITE, 30/01/37, p.6) "Pulsam todos os corações ansiosos pela Victoria da representação brasileira." "A sensacional pugna entre argentinos e brasileiros." (DIÁRIO DA NOITE, 30/01/37, p.7) Já o jornal *A Noite*, estampou em sua manchete: "Os brasileiros serão campeões mesmo que empatem com os argentinos". O jornal também faz o anúncio da transmissão da partida pelo rádio.

> Poderosos alto-falantes, moa S/A PHILIPS DO BRASIL retransmitirá hoje, em combinação com o Radio Club do Brasil (P.R.E.-3), directamente de Buenos Aires, a partida entre o Brasil e Argentina, em disputa do Campeonato Sul-Americano. Poderosos alto-falantes montados na Esplanada do Castello, retransmitirão todo o desenrolar do sensacional prélio, afim de que o publico Carioca possa acompanhar essa empolgante luta nos seus mínimos detalhes. A retransmissão se fará ½ hora antes do inicio do jogo, isto é, às 21 ½ horas. (A NOITE, 30/01/37, p.7)

Em outra reportagem o jornal dimensiona o crescimento do interesse pelo futebol nos anos 30:

> A batalha Brasil x Argentina, temos frisado, é a maior do campeonato que marcou o conceito do football moderno no espírito das massas. As enchentes verificadas nos grandes jogos, vieram positivar que essas competições são realmente, as que interessam ao publico. (...)Tendo conseguido um cartaz inconfundível, o nosso selecionado pôz em foco, em todo o continente, o nome do Brasil. E de victoria em Victoria, mostrou esse "onze", com energia, technica e disciplina, o progresso do nosso "soccer. (A NOITE, 30/01/37, p.7)

O Jornal do Brasil concedeu pouco espaço para a competição, com poucas reportagens e notas sobre os jogos do Brasil desde a data que começamos a analisar o periódico. As reportagens mencionam os bons resultados do Brasil e a admiração dos

argentinos pela nossa seleção. Entretanto, com o sucesso alcançado pela seleção na Argentina, o jornal passou a divulgar mais reportagens a partir do dia 26 de janeiro.

> O assunto obrigatório de todas as palestras desportivas é o grande sucesso que o scratch brasileiro está obtendo em Buenos Aires, na disputa do Campeonato Sul-Americano de Football. Os nossos patrícios de tal sorte se impuzeram aos seus fortes adversários que, mesmo aqueles que atacavam o nosso scratch foram forçados a calar e a reconhecer o seu alto valor. (JORNAL DO BRASIL, 26/01/1937, p.21)

No dia da primeira partida decisiva contra a Argentina, o Jornal do Brasil reservou meia página para falar do jogo. "O Quadro invicto, do Brasil, enfrenta, hoje, à noite, o possante "scratch" argentino no "match" final." (JORNAL DO BRASIL, 30/01/1937, p.25). Na mesma página o Jornal faz o anúncio da transmissão da partida (o mesmo anúncio do jornal *A Noite*, já citado acima).

O Jornal *A Noite* também fez um retrospecto histórico de todos os Sul-Americanos disputados até aquela data. Destacamos aqui a necessidade de rememorar o passado para a manutenção e a criação de tradições, recurso constantemente utilizado pela mídia esportiva. "O passado é a referência comum que mantém a coesão interna dos grupos, permitindo formação de quadros de representação simbólica que lhes permitem significar o presente, a atualidade". (RIBEIRO, 2003, p.94) Nessa reconstrução de discursos e resgate de memória coletiva, os eventos esportivos possuem uma dimensão histórica para Boyles e Raynes (2000): "One of the particular appeals of sport, for both media and supporters, is the extent to which the narratives or stories which surround sport act as a bridge between the present and the past. Sporting events need to have a longevity to feel important".[5]

O Brasil perdeu a partida por 1 a 0 e Alberto Garcia marcou o gol da vitória. O segundo jogo foi realizado no dia 1 de fevereiro. As notícias no dia da final buscavam reacender a esperança na vitória brasileira. "Mais confiantes do que nunca na Victoria do Brasil!" (DIÁRIO DA NOITE, 01/02/37, p.8) *O Diário da Noite* chamou a atenção nas matérias para a mobilização popular em torno do jogo, principalmente nos locais aonde a empresa instalou seus alto-falantes.

"Tudo nos une, só o "football" nos separa"

Depois de uma partida dura e 30 minutos de tempo extra, o Brasil perdeu por 2 a 0. Com dois gols de De La Mata, sendo um em cada tempo da prorrogação.

[5] "Um dos apelos particulares do esporte, tanto para mídia e apoiadores, é a extensão em que as narrativas ou histórias que cercam o esporte atuam como uma ponte entre o presente e o passado. Os Eventos esportivos precisa ter uma longevidade para se sentirem importantes ".

O jornal *A Noite*, colocou em sua capa: "Jogou-se hontem em Buenos Aires a maior partida de football de todos os tempos." (A NOITE, 02/02/37, p.1) Na segunda página o playcard (descrição do jogo via telégrafo) foi reproduzido. Destaque para a descrição a seguir: "Aos vinte minutos de jogo, a partida continua violentamente disputada, principalmente por parte dos platinos." (A NOITE, 02/02/37, p.2) Alguns lances depois (sete descrições), o jornal enfatiza mais uma vez a violência dos argentinos: "Os players do Brasil são sucessivamente aggredidos a pontapés pelos adversários." (A NOITE, 02/02/37, p.2) Logo depois desta descrição, veio o lance que paralisou o jogo:

> Carnera, aos 35 minutos de jogo é aggredido, pelas costas a pontapés e soccos, pel meia direita Varallo. O back do Brasil defende-se. Conflicto! A aggressão do nosso zagueiro provoca sério conflicto. Aos 35 minutos, o jogo é intemrrompido, intervindo vários players, num conflito generalisado. A policia intervem, procurando deter os players exaltados. Os players brasileiros, serenados os ânimos, ameaçam retirar-se de campo. O quadro brasileiro abandona o gramado, recolhendo-se todos os players no vestiário. (A NOITE, 02/02/37, p.2)

A descrição continua contando que turistas brasileiros presentes no estádio dirigiram-se ao vestiário para pedir a volta da equipe, enquanto os argentinos vaiavam efusivamente os jogadores do Brasil. Segundo o *A Noite* até o momento da paralisação o Brasil era bem melhor em campo. O jornal ainda afirma que José Maria Castello Branco[6], chefe da delegação brasileira na Argentina, foi até o vestiário pedir a volta dos jogadores pela pátria, alguns chorando, ficaram comovidos com o pedido e voltaram. Na volta, novo conflito antes de terminar o primeiro tempo com a intervenção policial nas brigas entre os jogadores. O chanceler argentino Saavedra Lamas, foi ao radio pedir aos seus compatriotas que se contivessem nas emoções, em nome da fraternidade argentino-brasileira. O próprio jornal disse que a violência diminuiu consideravelmente no segundo tempo.

Já o *Jornal do Brasil* foi comedido nas manchetes sobre a partida. Apenas na descrição integral da peleja, nos mesmos moldes do jornal *A Noite*, falou-se da invasão da assistência.

> O jogo ontem disputado em Buenos Aires para a conquista do titulo de campeão sul-americano do football foi de certo a mais sensacional partida desportiva jamais desenvolvida nesta parte do continente. (...) O Brasil inteiro estava atento através do radio a todos as peripécias da partida decisiva, fazendo votos para que se consagrasse com um legitimo triunfo a sua expectativa favoravel ao team brasileiro. (...) O campo foi invadido; e a

[6] José Maria Castello Branco era um dos representantes de Getúlio Vargas dentro do esporte nacional. Era presidente da Federação Brasileira de Futebol (FBF) em 1937 e foi nomeado o chefe da delegação brasileira na Argentina. Ainda em 1937, quando a CBD reassumiu o comando do futebol nacional, Castello Branco manteve sua influência, exercendo o mesmo cargo durante a Copa do Mundo de 1938, na França.

> policia e os bombeiros tivessem de empregar enérgicos esforços para conter os exaltados e para preservar a integridade dos jogadores, que atuavam sob a pressão de uma torcida monstro, composta de 60 mil unisonas torcidas. (...) Os múltiplos incidentes verificados, as perturbações ocorridas comunicaram um interesse incomparável à partida de ontem, em que mediam forças dois valorosos conjuntos, a cujos músculos, a cuja destreza e a cuja galhardia estava preza a alma de duas nações. (JORNAL DO BRASIL, 02/02/1937, p.9)

O *Diário da Noite* estampou em sua capa no dia seguinte: "Sob Violenta pressão publica os brasileiros cedem a Victoria". (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.1) A manchete deu o tom com que o jornal ia descrever a decisão. Ainda na capa, a coluna assinada por Austregesilo de Athayde tinha o seguinte título: "A guerra dos noventa minutos". A reportagem começa com o seguinte texto:

> Os campeonatos sul-americanos de "football" têm sido verdadeiras conflagrações entre paizes que nelle tomam parte. Toda vez que entram no campo os "onze" de uma das nacionalidades competidoras, os respectivos povos se eriçam. Encrespam-se as almas, enfurecem-se os corações e por longos noventa minutos a paz corre terrível perigo. O radio encarrega-se da levar as cóleras ao Maximo da ignição. Os rapazes nas "canchas" procedem com o mesmo sagrado ímpeto de soldados defendendo a sua trincheira. As multidões rugem de patriotismo. E em todos os recantos da America, onde se possa ouvir um alto-falante, vozes acclamam, vaiam e imprecam, pedindo em altos brados grandes hecatombes vingativas.(...) Um homem que nasce nas proximidades do Equador não compreende a belleza de perder, quando fez honestamente tudo para a Victoria. Dahi o incorfomismo dos "teams" derrotados e os golpes fora das regras do jogo, usados nos grandes torneios sul-americanos. Senão quando arrebenta a guerra no campo e os jogadores trocam sopapos, enquanto a assistencia heroica arremeça sobre elles, além de palavras contundentes, toda a sorte de projectis a começar pelos chapéos. (...) Tudo nos une, só o "football" nos separa. Os rapazes pisam no gramado trocando flores e palavras amáveis. Basta, que o juiz apite, eil-os transformados em tremendos inimigos. Quando estala a primeira bofetada, as duas nações põem-se em guarda. Levantam-se os punhos de milhões de seres e de um lado e outro cada patriota faz o gesto symbolico da torcidéia de pescoço de todo o povo vizinho ou distante. (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.1)

Percebe-se aqui como o discurso jornalístico reverbera as tradições como a de que os onze jogadores representam uma nação quando estão em campo. Para melhor entendimento, trazemos a definição do historiador Eric Hobsbawn sobre tradições inventadas:

> Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN, 2012, p.12)

Mais um ponto interessante na coluna é a frase "tudo nos une, só o football nos separa." A afirmação é uma alusão à frase dita no discurso de Coelho Neto, delegado brasileiro no Congresso Sul-Americano de futebol, pouco antes da abertura do Sul-Americano de 1919. A frase original é "Tudo nos une e nada nos separa". Mostrando a busca no passado para reafirmação de discurso, mesmo que seja contrário à ideia original. Outro ponto interessante da referida coluna - e também presente em outras citações acima - é o valor que o rádio deu às confusões ocorridas dentro de campo. Em um artigo assinado por Fred no jornal *A Noite*, chamou-se a atenção para a diferença nas transmissões do jogo.

> Ora, os rapazes que irradiaram o jogo do dia 30 e o de hontem, entre argentinos e brasileiros, falam a mesma língua, trabalham as mesmas palavras, funccionam no mesmo mister. As transmissões, entretanto, não foram iguaes.(...) A função do repórter, qualquer repórter, é ver e contar. Os locutores que transmittiram os jogos de que me occupo deviam, portanto, ver e contra. Qualquer coisa, fora disso, é accessoria, e, com tal, falsa, dispensável e inútil. (A NOITE, 02/02/37, p.4)

Na mesma capa, outra reportagem com o título "Ferido Três jogadores do scratch", trazia a descrição do que tinha acontecido em campo:

> Não há palavras bastante vehementes para descrever com vehemencia necessária os acontecimentos de hontem no campo do San Lorenzo. (...)Enquanto a torcida se descontrolara e vaiara os jogadores brasileiros, quando as scenas passaram à verdadeira selvageria, sendo arremesados aos campos vários objectos, quando o povo arrebentou os arames e invadiu o campo, a policia, commandada por um official, ao envés de procurar conter a multidão, avançou de sabre em punho sobre o scratch brasileiro, ferindo vários jogadores, (...) O match prolongou-se, assim, num ambiente irrespirável, de tremenda violência, jogando os brasileiros sobre tremenda coação, e, si tivessem vencido, talvez nem pudessem sair de campo, victimados pela multidão enfurecida. (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.1)

O jornal completa que foi necessária muita diplomacia de Castello Branco "para que não se effectivasse um massacre completo." (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.7) Aqui, é importante trazermos alguns conceitos sobre a "autenticidade" jornalística, resumida de forma apropriada por Gastaldo (2003):

> Esta modalidade discursiva estipula, segundo Charaudeau (1983, p. 101), dois contratos enunciativos: um contrato de autenticidade, segundo o qual os eventos relatados devem ser fiéis à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser objetivas) e um contrato de seriedade, uma espécie de contrato moral que liga o sujeito informador (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações. (GASTALDO, 2003)

Ao usar o termo "massacre completo", o jornal procura construir a ideia de uma batalha na qual os brasileiros seriam dizimados pelos argentinos. A tentativa é de se construir um "inimigo". Se a intenção é criar uma memória nos brasileiros de que os argentinos são o nosso "outro", se cria ao mesmo tempo uma identidade, demarcando-se claramente, o termo que já citamos anteriormente "nós", contra "eles" dentro de um discurso jornalístico. O que nos remete a Charaudeau: "o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário." (CHARAUDEAU, 2010, p.12)

O jornal *Diário da Noite* ainda afirma que o Brasil teve que se retirar de campo por 30 minutos e enfatizou, a todo momento, o ato de bravura e patriotismo dos jogadores em lutar contra toda aquela atmosfera hostil. As reportagens afirmavam que os argentinos entraram em campo apenas para agredir os brasileiros e que as saídas do estádio foram fechadas para que os brasileiros não abandonassem a partida. Na mesma página o jornal coloca uma reprodução da fala do jogador Jaú à rádio: "Povo brasileiro, não é por medo que esse jogo pode não terminar, mas não se pode jogar nesta terra." (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.7) Percebe-se a colocação das frases com o intuito de demarcar o território "inimigo". "Não se pode jogar nessa terra", portanto não falta bravura e técnica aos brasileiros, mas as condições hostis colocadas pelos argentinos os impede de praticar o futebol naquele local. Nas páginas seguintes, o jornal trouxe uma entrevista com o chefe da delegação brasileira Castello Branco, que declarou merecido o título argentino e "terminou declarando-se *gratamente* impressionado com a attitude do publico portenho durante o desenrolar da peleja." (DIÁRIO DA NOITE, 02/02/37, p.16 grifos nossos)

No dia 3 de fevereiro, o *Jornal do Brasil* dedicou uma pequena parte de seu caderno de esportes para falar sobre: "Ecos do Campeonato Sul-Americano de Footbal", na nota o jornal traz uma declaração do capitão brasileiro Jaú (mesmo que disse que não era possível jogar naquela terra): "Devo, agora expressar o meu agradecimento ao publico argentino, que se portou de forma correta." (JORNAL DO BRASIL, 03/02/1937, p.24) No mesmo dia, na página 28, uma coluna intitulada "Confraternização e football", ressalta que os fatos ocorridos são normais dentro do futebol e que os campos de futebol não são bons exemplos de boa educação e ainda afirmam: "as pessoas bem educadas silenciam: mas os turbulentos gritam, vaiam, invadem o campo, como se eles apenas estivessem presentes. O coro é fácil de formar, pelo contágio que tão rapidamente se estabelece, sem que os influenciados

tenham siquer o tempo de refletir." (JORNAL DO BRASIL, 03/02/1937, p.5) A coluna ainda critica a transmissão radiofônica:

> Desde que analisássemos os acontecimentos, chegariamos também a uma outra evidencia: os conflitos não tiveram a gravidade que lhes atribuiu a narrativa de speakers dominados pelo nervosismo. (...) O nervosismo do speaker tivera mais importância do que o fato que ele procurava descrever. (JORNAL DO BRASIL, 03/02/1937, p.5).

Para enriquecer o debate, aproveitamos o relato da coluna acima para falar sobre as diferenças entre o rádio e a mídia impresa. O rádio possui a característica principal de oralidade, além disso, "é um tipo de troca linguageira particular: trata-se da interação verbal, que é mais ou menos regulada de acordo com as situações, e é reveladora do tipo de relação que os interlocutores instauram entre si, de paixão (calor humano) ou razão (distância), de polêmica ou conivência." (CHARAUDEAU, 2010, p.107) O rádio é, por excelência, a mídia de transmissão direta e do tempo presente. Por outro lado

> a mídia imprensa não se pode coincidir tempo de acontecimento, tempo da escritura, tempo de produção da informação e tempo de leitura. (...) A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera. (CHARAUDEAU, 2010, p.114)

Ora, se os acontecimentos descritos dentro do gramado, relatados primeiramente pelos locutores radiofônicos, indignaram e revoltaram os brasileiros, e foram transmitidos como o próprio jornal afirma: dominados pelo nervosismo, qual seria o papel do impresso?

Entendemos que os comentários, editoriais, crônicas e reportagens são eficazes no sentido de legitimar os acontecimentos, principalmente por indagar suas consequências. Nas manchetes podemos observar resumos para tornarem os fatos inteligíveis. Como se analisa o que já aconteceu, os jornais podem executar uma compreensão mais organizada dos fatos, com encaixe mais eficaz dos argumentos e da reconstrução de diferentes raciocínios para se chegar à construção de sentido desejada.

Somente no dia 6 de fevereiro, data de desembarque da delegação brasileira no Rio de Janeiro, o assunto voltou a ganhar maior destaque. O título de vice-campeão foi colocado com orgulho pelo jornal *A Noite* e afirmou que só não conseguiram o título "por circunstancias absolutamente alheias à sua vontade" (A NOITE, 05/02/37, p.34).

Em meio às notícias da chegada triunfal dos atletas e o tratamento dado a eles como heróis nacionais, o jornal *Diário da Noite* se retalia da divulgação da confusão, com este trecho da reportagem: "Exagero Apenas. Pelo que declaravam os jogadores e deante a palavra insuspeita de Castello Branco é evidente terem sido adulterados os factos ocorridos

na Argentina. (...)"(DIÁRIO DA NOITE, 06/02/37, p.8) e termina com o depoimento de Castello Branco: "Tudo exaggero. O que se observou foi um incidente comum em campos de football. Em Buenos Aires ou em outra qualquer parte do mundo poderão ser reproduzidos." (DIÁRIO DA NOITE, 06/02/37, p.8). O jornal ainda enfatiza que os argentinos ficaram profundamente maravilhados com o futebol apresentado pelos brasileiros, principalmente a imprensa. O jornal *A Noite* ainda afirmou que houve simpatia do público argentino à nossa seleção. "Isso é o que afirma o testemunho insuspeito de technico da delegação brasileira. Taes declarações augmentam o ambiente de jubilo em que foi recebida a delegação do Brasil, desfazendo as explorações feitas em torno do ultimo jogo." (A NOITE, 06/02/37, p.32). O Jornal do Brasil também divulgou a chegada dos vice-campeões ao Rio de Janeiro.

Considerações Finais

É notório que o Sul-Americano de 1937 foi um marco dentro do futebol nacional. Depois de tanto tempo sem enfrentar seleções nacionais e tendo fracassado na última Copa do Mundo, a boa atuação do Brasil foi um embrião para o time que disputaria a Copa de 1938. Apesar da derrota, a imprensa se mostrou orgulhosa com o vice-campeonato, valorizando os atletas pela conquista. Muitos jogadores se mantiveram na seleção que iria à França, juntamente com o técnico e o chefe da delegação. A expectativa formada pelos jornais, principalmente depois da vitória sobre o Uruguai, criou uma aura de otimismo em torno do selecionado que fortaleceu a tentativa de se erguer uma fronteira "nós" e "eles" na América do Sul. Para isso, o "inimigo" escolhido foram os argentinos. Os anfitriões nos tiraram o título e os incidentes ocorridos dentro do gramado no jogo decisivo acenderam um nacionalismo em torno da seleção de futebol do Brasil que viria a se consolidar na Copa do Mundo do ano seguinte, já com amplo apoio do Estado Novo.

Constatamos que a transmissão pelo rádio trouxe maior emoção aos jogos finais e teve o papel de criar um inimigo dentro de campo que se consolidaria com o passar das competições como o nosso "outro". Os jornais tiveram um papel importante na construção deste inimigo. Principalmente o *Diário da Noite*, pertencente à mesma organização da Rádio Tupi, que transmitiu a partida, foi mais enfático na construção desse adversário. Mesmo que não apareça constantemente a palavra "inimigo" nos jornais, o discurso apresentado foi o de que a violência e em muitas vezes a covardia do adversário nos retirou um título que seria nosso, caso tais incidentes não ocorressem. A imprensa criou um

inimigo desleal para explicar a nossa derrota e ao mesmo tempo relacionou nossos "inimigos" a características morais desfavoráveis. Como citamos, os jornais tiveram o papel de confirmar, em alguns momentos, a "verdade" inicial e de forma emotiva exposta pelo rádio. Mesmo com as entrevistas corrigindo as informações e até afirmando que alguns dos incidentes não tinham ocorrido, o inimigo já estava criado e dali em diante, Brasil x Argentina seria um jogo marcado por uma rivalidade exacerbada, muito mais pelo lado brasileiro do que pelo argentino. A partir do Sul-Americano de 1937, o processo de construção de sentimento de nação ganhava um novo ingrediente: o inimigo argentino. Percebemos que este pensamento é alimentado a cada competição esportiva até hoje, principalmente pelas campanhas publicitárias[7].

REFERÊNCIAS

A Noite, Rio de Janeiro, 19jan-6fev 1937.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2°ed. São Paulo: Atlas, 2009

BECKER, Beatriz. **Repensando o jornalismo na atualidade com imagens e palavras.** Brazilian Journalism Research (BJR), vol.7, n.1, 2011

BOYLE R., RAYNES R. **Power Play: sport, the media and popular culture.** Edinburgh: Pearson Education Limited, 2000.

Diário da Noite, Rio de Janeiro, 19jan-6fev 1937

GASTALDO, Edison Luis. **Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo**. ano 1 - nº 10 - 2003 - 1679-0316 Cadernos IHU Idéias UNISINOS Ano 1 . Nº 10 . 2003.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração.** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

[7] Com a vitória do Uruguai na final de 1950 no Maracanã, este ficou sendo por duas décadas nosso maior rival, nosso grande "outro". Com o declínio do futebol uruguaio e com a vitória da Argentina na Copa de 1978, durante o auge do regime militar lá, fomos, pouco a pouco, trazendo novamente o argentino à tona como nosso maior antagonista, o "outro" que nos faz marcar nossa alteridade. Para um estudo mais detalhado sobre a "construção" da rivalidade Brasil-Argentina por meio do futebol, ver Helal (2007) e Helal e Lovisolo (2007).

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart – **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, DP& A Editora, 2011.

HELAL, R. "**Jogo Bonito y Fútbol Criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación**". In Grimson, Alejandro. *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2007.

HELAL, R.; SOARES, A. J; LOVISOLO, H.;. **A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

HELAL, Ronaldo e LOVISOLO, Hugo**. Jornalismo e Futebol: argentinos e brasileiros ou do "odiar amar" e do "amar odiar.** In: *Comunicação e esporte: diálogos possíveis*/ org José Carlos Marques. São Paulo: Artcolor, 2007.

HOBSBAWN, Eric J. e Ranger, Terence. **A Invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19jan-6fev 1937.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar da história.** In: HERSCHMANN, Micael, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *Mídia, memória e celebridades*: Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2003.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional**. Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: HTTP://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm. Acesso em: 20mar.2010

SOUTO, Sérgio. **Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002.** In: *Mídia e Memó*ria (org) Ana Paula Goulart Ribeiro e Lucia Ferreira. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP, Pontes, 6ª edição, 2005.